REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 449

11 DE JUNHO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados de seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

E a morte lá vae continuando incansavel no seu lugubre trabalho; e a chronica a ter o feitio d'um registo de cemiterio e a profissão de chronista lisboeta a parecer-se muito com o officio de gato pingado, a acompanhar todos os dias á cova aquelles que se vão esgueirando para a eternidade

E o verbo esgueirar applica-se com muita propriedade aos dois mortos queridos que n'estes ultimos dias desappareceram no tumulo, porque foi inesperadamente, quasi que sem se dar por isso que elles passaram d'esta para a outra vida.

As noticias appareceram de subito nos jornaes, muito curtas, muito rapidas, sem promenores sem informações, sem ninguem as esperar.

N'um dia a noticia da morte do Frondoni; no outro dia a da morte do marquez de Bellas.

Noticias muito simples, muito laconicas: «Morreu o maestro Angelo Frondoni» — «Falleceu em Santarem o sr. Marquez de Bellas».

E mais umas palavras ácerca dos dois mortos, umas anecdotas ácerca das suas vidas, mas nem uma palavra sequer ácerca das doenças que os mataram, de como foi que elles desappareceram.

Procurámos nos dias seguintes mais informações. Nem uma sequer, e ainda hoje estamos na mesma, ainda não sabemos nenhuma particularidade ácerca da sua morte.

Um d'elles, o maestro Frondoni era muito velho e pode muito bem ser que fosse um pouco a velhice que o matasse.

Era velho mas um velho de rija tempera, esperto, desembaraçado, mechendo-se muito bem ainda, fazendo a mesma vida que fazia ha trinta annos quando nos o começámos a conhecer.

Ha muitos mezes que o não viamos: ha quinze dias porem, se tanto encontramo-nos com elle no americano da meia noite, quando voltavamos do theatro.

Elle vinha do theatro tambem, que a edade não lhe fizera perder essa paixão, que fôra a paixão dominante, o principal vicio de toda a sua vida

Viemos a conversar, e a conversar em arte, em litteratura.

E reconhecemos com espanto que o Frondoni apesar dos seus setenta e tantos annos, senão oitenta, andava perfeitamente ao facto de todo o movimento litterario actual, de todas as novidades de Lisboa e do estrangeiro.

Elle fallou-nos de Zola e do seu ultimo livro, *l'Argent*, e fallou-nos de Guy de Maupassant, e do seu grande successo no theatro com a *Muzotte;* fallou-nos com um grande enthusiasmo no livro *D'aqui a cem annos*, traduzido por Pinheiro Chagas, livro que nós não conheciamos e de que elle nos fez em rapidas palavras o *compte rendu* com uma nitidez enorme, uma notavel clareza.

Depois o americano subiu a rampa de Santos.

Era o limite da nossa viagem: apeiamo-nos, apertamos-lhe a mão, despedimo-nos d'elle, e mal sabiamos nós que nos despediamos d'elle para sempre, que esse adeus, seria o adeus eterno!

Pobre Frondoni!

Ha muitos annos já, quando a doença e a idade o obrigaram a afastar-se dos trabalhos de theatro, não porque elle não se sentisse ainda com forças para esses trabalhos, mas porque as emprezas pela necessidade natural de um trabalho assiduo, persistente, sem intermitencias, embora justificadas, prescindiram dos seus serviços, Frondoni começou a luctar com difficuldades de dinheiro, a ter a vida um pouco embaraçada; mas esses embaraços e essas difficuldades nem por sombras affectaram o seu bom humor habitual, e o Frondoni velho, pobre, doente, era o mesmo Frondoni bonacheirão e jovial dos seus tempos aureos, dos tempos dos seus grandes successos de theatro, dos seus bons ordenados.

CONDE DE PAÇO D'ARCOS — NOVO MINISTRO DE PORTUGAL JUNTO DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

(Segundo photographia)

Frondoni vivia em Lisboa ha cincoenta e tres annos.

Viera d'Italia para aqui em 1838 e d'aqui não sahiu mais, trabalhando valentemente para ganhar a sua vida, dando n'esses trabalhos provas irrecusaveis e brilhantes do seu notavel talento de compositor.

E' a esse talento que Portugal deve o mais formoso de todos os seus hymnos — o hymno da Maria da Fonte: a esse talento deveram os nossos theatros muitas das suas mais afamadas e felizes operas comicas, como por exemplo o *Rouxinol das Salas*, o *Beijo* e outras.

Talento muito facil, muito expontaneo, muitas das suas producções calaram profundamente no espirito do publico, alcançaram uma popularidade tão grande, espalharam-se tanto por todo o paiz que adquiriram os foros de cantos populares.

E tanto assim, que nós ainda hontem ficámos muito surprehendidos ao saber que tinham a assignatura de Frondoni muitas d'essas modinhas em grande voga, que pensavamos não serem de ninguem, serem de toda a gente, como são os cantos populares de todos os paizes, entre outras o *Passarinho trigueiro*, *O' saloia dá me um beijo*, etc.

Quando nós conhecemos Frondoni, estava elle ainda em plena nomeada, estava no galarim.

Era o maestro-ensaiador do Theatro da Trindade, cargo que desempenhava com uma capacidade enorme e um primoroso gosto artistico.

A operetta começava a dar os seus primeiros passos entre nós, e é forçoso confessar que depois d'esses primeiros passos nunca mais fez grande caminho.

Genero novo entre nós, não havia artistas educados para elle e foi o Frondoni quem fez essa primeira educação.

E fel-a maravilhosamente, quasi que milagrosamente, porque na execução das primeiras operettas que deu a Trindade por cantores que na grande maioria não sabiam cantar, nem sequer conheciam musica, havia o quer que fosse de milagre.

Aos seus repetidos successos de ensaiador vieram juntar-se os successos de auctor, e a opera comica de Frondoni *O Rouxinol das Salas*, escripta sobre um libretto arranjado do *Mr. Garat* de Sardou, teve um exito colossal e deu uma serie enorme de representações.

Se a memoria nos não falha foi precisamente esta opera que originou entre Frondoni, o maestro da Trindade, e Francisco Palha, o director do theatro, a questão que terminou pela sahida do illustre maestro.

Frondoni queria que a empreza lhe pagasse os direitos da musica, Francisco Palha baseando-se na lettra do contracto, pelo qual elle se obrigava a escrever a musica que fosse necessaria, não lhe queria pagar esses direitos.

Nenhum dos dois contendores era facil de dar o braço a torcer e a contenda acabou-se por Frondoni sahir do theatro da Trindade.

Esteve uma ou duas épocas em S. Carlos como maestro regente, e lembra-nos perfeitamente de o ver a dirigir a orchestra no tempo da celebre Ortolani-Tiberini.

Depois Frondoni voltou ainda á Trindade e esteve ahi umas épocas: deu no theatro do Principe Real uma opera comica que não teve grande *successo* apesar de ter alguns numeros felizes *O Filho da Sr.ª Angot*, operetta que morreu do defeito de querer ir na esteira d'um grande e incontestavel successo como foi o da *Filha da Sr.ª Angot*, a opera celebre de Lecocq. Depois Frondoni desappareceu como maestro, para só apparecer de vez em quando como poeta nos jornaes e nos theatros, firmando versos em italiano a proposito de varios acontecimentos e de cantores celebres que vinham a Lisboa.

Frondoni era um santo homem; um caracter leal, honrado, bom, um espirito enthusiasta, muito culto e dominado por uma grande intuição artistica. Tinha um feitio excentrico, original; era excessivamente distrahido e d'ahi uma serie enorme de anedoctas que se contam d'elle, das suas excentricidades, das suas distracções.

Entre essas anedoctas ha uma verdadeira que é perfeitamente caracteristica.

Uma noite Frondoni foi ao theatro do Gymnasio para fallar ao Taborda.

Entrou no theatro.

— Onde está o Taborda? perguntou elle.

— Está em scena, disseram-lhe.

— Em scena? repetiu elle dirigindo-se para o palco.

Espreitou pelo bastidor a vêr se via em scena o Taborda como lhe tinham dito.

Viu-o. Estava lá.

E sem esperar por mais nada, sem se lembrar de que estava o panno em cima, de que se estava representando, entrou pela scena dentro, foi direito ao Taborda e começou a dizer-lhe o que tinha a dizer no meio do assombro dos actores e das gargalhadas estridentes do publico.

* * *

O outro morto illustre d'estes dez dias foi o Marquez de Bellas.

Um genuino fidalgo, um verdadeiro gentil-homem em toda a acepção da palavra, o Marquez de Bellas gosava de geral estima e no seu caminho não encontrava senão sympathias.

Ha muitos annos a doença alquebrara-o, a quasi cegueira que o atacára entristecera-o, afastara-o um pouco, que não de todo, das suas paixões predilectas, as touradas e os theatros.

Cavalleiro eximio, destro, valente, arrojado, lembram-nos ainda perfeitamente de o ver mais de uma vez no Campo de Sant'Anna nas touradas de caridade, ao lado do Marquez de Castello Melhor, e d'essa bella pleiade de toureiros amadores quasi toda hoje já desapparecida no tumulo; actor-amador, lembramo-nos ainda de o ver no palco em varias recitas de curiosos, representando com a arte d'um verdadeiro actor e com a destincção que muitos actores lhe invejariam.

O theatro era principalmente a sua grande paixão e vivia muito com artistas, gostava immenso de andar pelos bastidores, tinha um enorme enthusiasmo por tudo que ao theatro dizia respeito.

Em Santarem onde ha muitos annos assentára a sua residencia prestou serviços relevantes ao bonito theatro que ha n'aquella cidade e foi elle quem promoveu muitas das recitas que varias companhias de Lisboa ahi foram dar.

No successo geral d'uma d'essas recitas em que se estreiava uma actriz nova, encontramo-nos com o Marquez de Bellas.

O ensaio era em Lisboa n'uma sala particular e elle viera aqui de proposito para ver a tal nova actriz.

Foi para isso mesmo que nós tambem lá tinhamos ido, e os dois sentados um ao lado do outro conversavamos a respeito dos meritos da debutante.

— Que lhe parece? Que tal acha?

— Parece me que a rapariga póde fazer alguma coisa; tem qualidades boas, a figura que é elegante, a cara que é bonita, os olhos que são lindissimos; tem uma qualidade pessima, a voz que é da cabeça e de timbre desagradavel é inexpressiva, mas acho-lhe ainda uma qualidade peior do que a voz.

— Qual?

— A pessoa que a ensaiou, que a dirigiu. O papel está todo feito ás avessas, todo errado, tudo fóra do seu logar e é por isso que me parece que o principal defeito d'ella é o ensaiador.

O Marquez de Bellas concordou perfeitamente comnosco; mas n'isto aproxima-se de nós um dos actores e pergunta-nos:

— Então? que dizem?

— Não é má, não é má, tornou o Marquez de Bellas.

E depois começou a commentar:

— O Gervasio estava-me dizendo agora, e eu concordo perfeitamente, que o principal defeito que ella tem é...

— Tem muitos defeitos ainda, tem, atalhou felizmente o actor: a quem o dizem! Fui eu que a ensaiei, que a dirigi... Tem-me dado um trabalhão!... Eu fui o mestre d'ella.

Nós desatamos a rir nas bochechas do tal mestre que nos olhava espantado sem perceber nada d'essa hilariedade, e ainda ha poucas semanas, na ultima vez que estive com o Marquez de Bellas elle me falou n'essas gargalhadas, e no tal ensaiador que se denunciára precisamente no momento psychologico...

Pobre Marquez! Que descance em paz sob as saudades sinceras de todos que o conheceram de perto e que puderam avaliar bem quanto valia aquelle bello caracter, aquelle esplendido coração!

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

CONDE DE PAÇO D'ARCOS

NOVO MINISTRO DE PORTUGAL JUNTO DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

No dia 16 do mez passado embarcou a bordo do *Malange* com destino ao Rio de Janeiro, o sr. conde de Paço d'Arcos, Carlos Eugenio Correia da Silva, novo ministro de Portugal junto da Republica dos Estados Unidos do Brazil.

Ao botafóra de s. ex.ª foi grande numero de pessoas de suas relações, que assim manifestaram bem publicamente o alto apreço em que tem as excepcionaes qualidades do novo ministro portuguez.

E de facto o sr. conde de Paço d'Arcos desde os bancos das primeiras aulas, em que fez cursos brilhantes, vem affirmando essas qualidades que o elevaram até ao importante cargo que foi chamado agora a desempenhar.

Nós que o conhecemos quasi ao sahir das aulas, somos boas testemunhas dos seus triumphos na sua carreira de marinha, das mais distinctas e mais prestantes ao paiz.

Foi por 1853 que fez a sua primeira viagem, no posto de guarda marinha, a bordo da corveta *D. João I*, para a China. Tinha 19 annos e já havia feito as suas viagens de instrucção como aspirante. N'aquella primeira viagem de longo curso revelou logo notaveis qualidades de official de marinha que o indicaram para commandante da escuna *Venus* estacionada em Macau.

Em 1854 tomou parte nos combates do rio Ningpo, a bordo da corveta *D. João I* e nas expedições contra o famoso pirata Apack, em que se lhes aprisionaram muitas embarcações. Os serviços que então prestou foram elogiados na ordem da armada n.º 299 de 1856 e d'elles fez referencia no parlamento o ministro da marinha Visconde de Athouguia.

Diz um seu biographo:

«A sua carreira maritima foi sempre trabalhosa. No vapor *Infante D. Luiz*, na corveta *Sagres*, na *Bartholomeu Dias*, na *Martinho de Mello*, fez muitas viagens de longo curso, indo de novo aos mares da China e do Pacifico.»

«Em 1862 tomou o commando da escuna *Napier*, para cruzar no mar dos Açores, onde tinha a missão de fazer respeitar as nossas aguas pelo celebre corsario americano *Alabama*. O exito d'esta missão foi completo e lisongeiro para o nome portuguez.»

«Depois na costa d'Africa foi Carlos Eugenio o terror dos negreiros, repremindo, com raro vigor e inexcedivel zelo, o trafico da escravatura desde a Guiné até Mossamedes e aprisionando muitos navios—«fazendo audazmente o seu dever» como d'elle disse Mendes Leal no parlamento portuguez.»

«Por taes serviços, foi condecorado com a Torre e Espada.»

«Tomou parte n'uma das viagens do senhor D. Luiz e fez ainda outras muitas, como commandante do brigue *Pedro Nunes*, da canhoneira *Zarco*, da corveta *Sagres* e na estação naval d'Africa Occidental.»

Não se limitou, porém, Carlos Eugenio aos seus deveres de official de marinha mas antes juntou a esses deveres estudos especiaes sobre marinha, amenisou as suas horas de ocios com trabalhos litterarios e essa revelação de conhecimentos e dotes tão distinctos, indicaram-no para mais elevadas commissões como foi a de governador de Macau, nomeado em 1876, sendo já capitão de fragata e tendo n'esse mesmo anno tomado pela primeira vez, assento em côrtes como deputado pelo ultramar.

O seu governo de Macau foi dos melhores que ali se tem feito, e resolveu varias pendencias diplomaticas que havia com o Celeste Imperio e com Siam. Os serviços que então prestou foram premiados pelo governo com o titulo de Visconde de Paço d'Arcos.

Em 1881 achava-se a provincia de Moçambique em más condições de administração e de ordem quando o governo entendeu nomear o sr. Visconde de Paço d'Arcos para governador d'aquella possessão. O seu governo restabeleceu a ordem e foi dos mais proveitosos para a provincia.

Do governo de Moçambique passou ao governo geral da India, onde fez tambem boa administração, sustentando durante a sua gerencia negociações diplomaticas com a Inglaterra em que defendeu honrosamente os direitos de Portugal.

Os ultimos cargos mais importantes desempenhados pelo sr. conde de Paço d'Arcos antes da sua nomeação de ministro de Portugal junto á Republica dos Estados Unidos do Brazil, foram o de superintendente do Arsenal de Marinha e o de governador civil de Lisboa na difficil epoca que se seguiu ao *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890.

A situação anormal em que se achava o paiz pela afronta recebida, que exaltára os espiritos, ameaçando a cada momento perturbar a ordem publica, tornava o cargo de governador civil da capital, o mais espinhoso e comprommettedor para qualquer magistrado.

A manutenção da ordem, impunha medidas

energicas, mas que ao mesmo tempo não ferissem ainda mais o sentimento publico, no estado de excitação em que se achava.

O sr. conde de Paço d'Arcos soube sustentar-se bem na sua difficil posição e se alguns encontraram motivos de censura no seu proceder, a maioria louvou esse mesmo proceder, que era o da auctoridade que tem a obrigação de manter a ordem publica.

Quando essa auctoridade se vê obrigada a empregar a força para fazer respeitar a lei, é muito mais facil aos que estão de fóra censural-a, do que tomarem a responsabilidade de tão espinhosa missão.

O sr. conde de Paço d'Arcos soube cumprir o seu dever, n'isto está o seu elogio.

Foi por estes importantes serviços que Sua Magestade o agraciou com o titulo de conde de Paço d'Arcos.

A nova commissão de que o sr. Conde de Paço d'Arcos acaba de ser encarregado é mais uma prova de confiança e apreço que merecem a sua provada capacidade de alto funccionario, intelligente e cumpridor dos deveres do seu cargo.

Um telegramma recebido ha dias dá noticia de ter chegado ao Rio de Janeiro no dia 2 do corrente o sr. Conde de Paço d'Arcos e do bom acolhimento que ali teve por parte da colonia portugueza.

MONUMENTO DE AFFONSO D'ALBUQUERQUE

Apresentando aos leitores do OCCIDENTE a estampa que representa o monumento que, na cidade de Nova-Gôa, se acha levantado á memoria do inclito heroe que no seculo XVI assombrou o Oriente, produzindo uma revolução social e economica, daremos em pequenos traços a sua historia.

Na cidade velha de Gôa existia no frontespicio da egreja do recolhimento da Serra, fundado por Affonso d'Albuquerque, uma estatua sua, que ficaria soterrada nas ruinas, se a tempo não fosse salva do estrago que a ameaçava. É o que fez, governando o Estado da India o tenente general conde das Antas, um espirito culto e que muito nobilitou as lettras portuguezas n'estas paragens, Claudio Lagrange Monteiro de Barbuda, observando ao governador que seria conveniente erguer um monumento que recordasse os portentosos feitos d'aquelle gigantesco vulto portuguez, Affonso d'Albuquerque.

O conde das Antas apoiou a lembrança do illustre ex-secretario e nomeou commissões encarregadas de promover subscripção e da execução da obra. A ultima era presidida pelo intelligente e zeloso engenheiro José da Costa Campos.

A primeira pedra para este monumento foi lançada com toda a solemnidade no dia 17 de fevereiro de 1843, 333.º anniversario da primeira tomada de Gôa por Albuquerque, sendo depositado com ella, nos alicerces, um mealheiro contendo moedas commemorativas da época da sua construcção; de que tudo se fez auto assignado pelo dito governador, camara municipal e grande parte de funccionarios.

Coube á época do feliz governo de José Ferreira Pestana o acabamento da obra, quatro annos depois do lançamento da pedra fundamental.

A innauguração do monumento, que se verificou no dia 29 de outubro de 1847, foi um dia de grande festa para os habitantes da cidade. A's 7 horas da manhã d'esse dia houve parada no campal, em seguida cortejo ao palacio do governo, por ser o 29.º anniversario natalicio de El-Rei D. Fernando II, e finalmente o governador Pestana, acompanhado da camara municipal e de todo o alto funccionalismo e do povo, dirigiu-se ao monumento, onde o dito mui lembrado Tito Portuguez espargiu flores na base da estatua, e depois de uma pequena allocução, recitou os seguintes versos, que reproduzimos para a sua memoria:

Em Albuquerque terribil, surge novo
Tu, novo monumento, em Nova-Goa!
Levanta, pol-o grato Indiano Povo,
Dirige a tua voz até Lisboa!
Das quanto vês, fructo ou renovo
Desta Plantas, que pozeste em terra boa;
Onde terra, que tu reconquistaste,
o nome d'Affonso eternizaste.

De A' gente, que te ergueu o monumento,
Grita Gratidão modesto testemunho,
Arranca -lhe; e verás seu ardimento...
a espada qu'inda tens em punho;
Grita — que, em pedra mesmo, o pensamento
Guardado tens do amor, d'eterno cunho,
Que liga o Povo ao Rei; que o Mundo escóra;
— Elevam os nossos Reis, que o Povo adora!

O monumento é do estylo manoelino, a cupula sustenta-se sobre oito pilares facetados e doze elegantes columnas cylindricas, quatro das quaes ornavam o portico da antiga egreja da Misericordia.

A estatua (que não se divisa bem na photographia) está assente sobre uma alta peanha. Ella achava-se mutilada incompleta por ter sido feita para ter as costas pegadas á parede da egreja da Serra.

Pediu por isso Pestana ao governo de Portugal que pela academia das bellas artes fosse fornecida uma nova estatura adaptada ao monumento, mas não tendo sido satisfeita a requisição, conseguiu que o artista hindú, Rogunatazó, restaurasse velha, que se recommendava pela sua mesma antiguidade.

Como a importancia da subscripção não attingiu a somma do orçamento, não se completou o monumento, segundo o projecto da commissão, pois devia ter um engradamento e balaustrada em torno, não só com o fim de embelezal-o, mas ainda para o resguardar e evitar que fosse damnificado, como effectivamente foi, por quanto não ha muito um demente arrancou a espada desembainhada que a estatua tinha no punho, e a que os versos se referem.

O local do monumento é quasi fronteiro ao portão dos quarteis da nossa tropa. Quem o escolheu teve talvez a idéa de dar á força armada por guarda de honra ao heroe que preferiu Gôa para a cabeça da Asia.

A praça onde se ergue o monumento é uma dos mais vistosas de cidade, e era guarnecida de grandes peças d'artilheria que lhe davam um aspecto mais grave e historico, e que um successsor do grande Vice-Rei e de appelido seu, substituiu por arvoredo.

A photographia é tirada pelos habeis photographos sr. D. Souza & Paul, estabelecidos n'esta cidade.

Nova-Gôa, 30 de Setembro de 1890.

Albano F. X. de Sá.

O TRATADO COM A INGLATERRA E COM A BELGICA [1]

O tratado com a Inglaterra de 28 de maio ultimo é menos aviltante do que o de 20 de agosto. Porque ao menos n'este documento a Inglaterra considera-nos uma nação independente e cedenos um largo trato de terreno ao norte do Zambeze que não é das regiões mais pobres. E' verdade tambem que nos levam setenta e cinco kilometros a mais do Chire, graça que não vinha no convenio de 20 de ogosto.

No tratado de 20 de agosto de 1890 pelo artigo 1.º e n.º 2 dizia-se que o limite leste do nosso districto de Quilimane seria assim:

«... A fronteira continua por esta costa (leste do lago Chirua) até ao seu ponto extremo sueste e prolonga-se em linha recta até ao mais oriental affluente do Ruo, segue este affluente e depois o thalweg do Ruo, ATÉ Á SUA CONFLUENCIA COM O CHIRE...»

Pelo tratado actual essa confluencia fica em poder do inglez e mais setenta e cinco kilometros pelo Chire abaixo, porque o artigo 1.º n.º 2 reza assim:

«Da confluencia do Ruo e do Chire, a fronteira seguirá a linha central do leito do ultimo d'estes rios, até a um ponto logo abaixo de Chiuanga.»

Este ponto *logo abaixo de Chiuanga* calculamos nós que seria, segundo o mappa, uns setenta e cinco kilometros, mas como esse ponto não é precisamente indicado por meio da sua lattitude, é por isso provavel que o inglez chegue até aos noventa kilometros, Chire abaixo.

Ha de chegar...

Repetimos, o tratado é menos affrontoso que o de 20 de agosto, mas não é nem podia ser bom. Quem se considera vencido tem de capitular. E' a nossa posição. Se em vez de tratarmos com a Inglaterra como fez o ultimo ministerio do sr. conselheiro Serpa Pimentel, appelasse-mos para as potencias signatarias da conferencia de Berlim de 1885 e não fossemos ouvidos, ainda poderiamos tornar a Europa responsavel pela brutalidade ingleza. Do modo porque procedemos não é possivel.

[1] Vid. o supplemento.

O meu amigo e collega João Verdades costuma entremear os seus artigos com umas historias muito interessantes e proveitosas ao leitor, vou fazer por o imitar. Havia uma botica ahi em qualquer terra da provincia onde se reuniram a jogar o gamão verdadeiras summidades n'este jogo. Um dia uma das taes summidades tem por parceiro um fraco jogador, e, com espanto dos assistentes perde seguidamente uns poucos de lances, um dos presentes grita-lhe: — Isso é de mais! vae perder tudo! — o outro muito placidamente, sorri-se e diz: — «Eu sei com quem jogo» — E devido ora ás distracções, ora á inaptidão do parceiro, a sumidade, em dois lances ganhou o jogo.

Apliquem *el cuento* e teem o que é o ultimo tratado com a Inglaterra.

A questão ingleza está arrumada. O paiz não teve força para levar ao poder um governo, composto de homens que se importassem mais com a questão internacional e com as questões financeira e africana do que com os escrivães de fazenda, não teve criterio para impor homens d'essa tempera? então o que está feito não é mau nem bom, — é o que devia ser.

E' a questão internacional, dissemos, porque no Ultramar não brigamos só com a Grã-Bretanha.

Não leram o que no ultimo OCCIDENTE escrevemos a respeito da Guiné, da nossa Guiné?

Vejam como os francezes nos tratam? Não é só a Inglaterra! é a França, é a Belgica, é a Allemanha!

A questão é muito mais seria no Congo. A perda de Angola é eminente. No dia em que o marfim não venha do Muatiânvua não o ha em Angola ..

O tratado que em 25 de maio ultimo assignamos em Bruxellas é que é ruinoso para nós porque alem de perdermos todo o trabalho das expedições de 1877, desloca o commercio do interior para o Congo, privando Angola das unicas fontes que lhe alimentavam o commercio e a navegação.

Pelo tratado do Congo e Muatiânvua podemos considerar perdido todo o trabalho do major Henrique de Carvalho, por isso que ficou assim delimitada a nossa Africa Occidental; — Margem direita do Zaire até Noki, d'aqui parallelo 6.º até ao Cuango, segue o curso d'este rio até 8 graus de lattitude sul depois este parallelo até encontrar o rio Cuilo, desce este rio até ao parallelo 7.º (ou sete graus de lattitude sul) que segue até ao Cassai, sobe este rio até á confluencia com um rio seu affluente que em nenhum dos mappas que temos á vista — nem menos de trez — tem nome mas que nasce no lago Dilolo, d'este lago segue a linha de limittes para Oeste sobre a divisoria d'agua entre o Zaire e o Zambeze.

O convenio com o Estado livre do Congo dános a fronteira norte de Angola; o que agora foi assignado em Bruxellas determina a fronteira para oeste.

Dos mappas que temos á vista o melhor é um que vem no periodico parisiense *Le Temps*, os outros são portuguezes, um publicado pelo *Commercio do Porto* está errado, tem os graus dos meridianos trocados e as povoações fóra do seu logar — custou-me 400 réis — O outro mappa foi-me graciosamente offerecido pelo sr. Manoel Gomes, livreiro-editor da rua Garret. Este ultimo mappa trata bem a questão de Moçambique, sendo como todos, excepto o francez, um pouco dubio na questão do Congo e Muatiânvua.

N'um proximo artigo trataremos mais largamente do caso com os belgas.

No entretanto já podemos affirmar: a Muatiânvua pertence-nos mas a *mussuma* onde está o imperador o grande potentado que tanto privou com o major Henrique de Carvalho, essa fica vassala da Belgica!

Que ideia fará de *mueneputo*, o *muatianvo*, quando souber que o demos de presente á Belgica? E este grande potentado ainda não ha muito recusava receber estrangeiros sem nossa auctorisação!

Muene-puto, como se sabe é em quasi toda a Africa austral o modo como o preto designa Portugal, e foi decerto em memoria do nosso poder ou como recordação de algum nosso expedicionario que um dos muatianvos poz o nome de *Muene-puto* a uma povoação do rio Cuango. Pois esse padrão do nosso effectivo poderio lá está hoje nas mãos dos belgas. Os nossos amigos Mai-Muene e Muata-Cumbana tambem lá estão subditos da Belgica!...

Emfim mais um desastre para a nossa diplomacia e mais ingratidões para aquelles que pela patria se teem sacrificado, — eis o que nos fica do tratado com a Belgica.

Manuel Barradas.

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

X

(Continuação)

BANCO DE PORTUGAL

Em 1846 o Banco de Lisboa teve nova crise monetaria e tão terrivel foi ella que o derribou.

A revolução do Minho, começada a manifestar-se nas provincias do norte em abril d'esse anno, trouxe á patria uma crise politica economica commercial e financeira, que durou mais de cinco annos.

Os portadores de notas do Banco de Lisboa, accossados por boatos atterradores, correram a esse estabelecimento e para logo esgotaram os seus cofres.

Os credores da Companhia Confiança Nacional [1] pediram os capitaes que lhe haviam confiado, mas em vão porque tinham desapparecido em *supprimentos* ao governo. Mais de 7:000 contos de reis se consideravam perdidos e as familias dos depositantes e accionistas viram ante si a abundancia transformada na miseria. [2]

Entretanto a usura ia lançando os seus harpéos; os grandes capitaes que nos vinham do Brazil deixaram de receber-se, e as sommas já recebidas procuraram segurança fóra de Portugal. A guerra civil ia alastrando-se pelo paiz e paralisando todas as producções.

Uma completa calamidade.

Foi n'estas afflictivas circumstancias que appareceu o decreto de 19 de novembro, elevando o capital do Banco de Lisboa até á quantia de 11:000 contos; devendo comprehender n'esse capital os *5:000 contos* da sua antiga dotação, *3:800, contos*, capital effectivo da Companhia Confiança Nacional e *1:200 contos*, em moeda corrente no paiz.

Pelo artigo 9.º d'esse decreto se determinou que aquella Companhia e o Banco de Lisboa fossem fundidos em um só estabelecimento denominado Banco de Portugal. [1]

Pelo artigo 10.º se dispunha que até ao fim do anno de 1876 o *Banco de Portugal* tivesse o previlegio exclusivo de emittir no continente do reino notas pagaveis á vista, ao portador, não sendo permittida essa emmissão a nenhum outro banco, á excepção do Banco Commercial do Porto.

As notas do Banco de Lisboa foram então pelo mesmo decreto fixadas na quantia de 5:000 contos, isto é, tres vezes mais do que a dotação do banco pela lei de 7 de junho de 1824. Esses 5:000 contos de notas deveriam ter, d'ahi em deante, o seu curso forçado como já o havia determinado a dictadura de maio de 1846, e entrarem na totalidade de todos os pagamentos até ao dia 30 de junho de 1847; em dois terços dos pagamentos até 31 de dezembro de 1848, e em metade desde esse dia até serem amortisadas pelo Banco de Portugal.

Essa amortisação seria na razão de dezoito contos por mez a começar em fevereiro de 1847.

O relatorio que precede aquelle celebre decreto revela que a quantidade de notas em circulação do Banco de Lisboa era então de 1:684 contos, pouco mais do que o valor da terça parte da sua dotação.

No momento de se apresentar a medonha crise de 1846 fez o Banco de Lisboa frente á corrida pagando em tres dias successivos tresentos e tantos contos de reis.

Conseguida que foi a primeira moratoria estabeleceu elle o pagamento diario de 3:840$000 reis, na razão de 800 notas de 4:800 reis cada uma.

Acerca do curso forçado concedido ás notas do Banco de Lisboa, diz aquelle relatorio:

«No estado de descredito e falta de recursos em que este Banco se acha — certamente devido á impossibilidade em que está o governo de fazer os supprimentos que lhe foram feitos de outro modo que não seja por meio do fundo de amortisação — é claro que o mesmo Banco de Lisboa não poderia habilitar-se a pagar as suas notas, e facilmente se avaliam as consequencias de se deixarem nas mãos de quem as possue, sem curso legal e quasi sem valor algum.»

«Com este curso poderá o novo Banco *(Banco de Portugal)* reduzir successivamente as ditas notas e accudir ás necessidades do commercio e industria, o que aliás fora impossivel visto que por muito tempo será limitada a quantia das notas pagaveis á vista, que poderá ter na circulação. A circumstancia do descredito em que o Banco de Lisboa cahiu e a de estarem na circulação as notas com curso forçado não permittirá alargar a somma das notas realisadas.»

«Assim se manifesta não só a necessidade de dar curso forçado ás notas do Banco de Lisboa, mas tambem que a vantagem de tal curso vae tomar o logar d'aquelle que, aliás, resultaria de uma larga emissão de notas realisaveis»

. . . .

E pelo que motivou a mudança do nome de *Banco de Lisboa* em *Banco de Portugal*, accrescenta o relatorio:

«A mudança do nome julgou-se necessaria principalmente para se distinguirem as notas que terão curso forçado das que se hão de pagar á vista»... etc.

«O curso forçado das notas do Banco de Lisboa é uma grande vantagem — ninguem o negará — porém já está demonstrado que elle é necessario para compensar encargos correlativos, para supprir a falta real que ha de numerario metalico e para se poderem alargar as operações propriamente do Banco. Sem tal medida debalde se procuraria sahir do estado de paralysação produzida pela crise.»

E' assim que conclue o relátorio ao decreto de 19 de Novembro de 1840.

Em 26 de dezembro seguinte appareceram os estatutos do Banco de Portugal.

Logo que se operou a fusão do Banco de Lisboa com o Banco de Portugal as notas, que estavam a 600 reis de rebate, desceram a 960 reis, chegando a 1$200, 2$000 e 2$700 reis de desconto!...

As acções do banco fallido depreciaram-se a tal ponto que ninguem dava nada por ellas, e as do de Portugal chegaram a metade do seu valor!

INDIA PORTUGUEZA — Monumento de Affonso de Albuquerque em Nova Gôa

(Segundo uma photographia de D. Sousa & Paul)

(1) Creada em 4 de novembro de 1844, mas a sua existencia foi pouco feliz, apezar dos privilegios que lhe foram concedidos pelo governo.

(2) *Analyse do relatorio e decreto de 19 de novembro de 1846*, por João Damaso Roussado Gorjão.

(1) Em sessão de assemblea geral no dia 10 havia-se votado a juncção d'essa companhia com o Banco de Lisboa.

SUPPLEMENTO AO N.º 449 DO «OCCIDENTE»

11 DE JULHO DE 1891

ACONTECIMENTOS DA GUINE PORTUGUEZA

AFRICA PORTUGUEZA — Um mercado em Cacheu — Vide artigo «A Guiné Portugueza» a pag. 106
(Segundo photographia)

As notas d'este banco, pagas á vista, obtiveram o engraçado epitheto de *bem procedidas*, porque não dormiam fóra de casa; mal eram postas á circulação voltavam logo a serem trocadas por bello ouro ou boa prata sonante.

Pela lei de 16 de abril de 1850, a rainha D. Maria II collocou em bases mais solidas o banco de Portugal, confirmou todas as disposições do decreto de 19 de novembro de 1846 e augmentou-lhe previdentemente a area das operações commerciaes.

D'ahi em deante as direcções do banco tornaram-se mais cautelosas e evitaram, tanto quanto poderam, a demasiada circulação das notas tendo em vista o que em um opusculo havia dito alguns annos antes o sabio jurisconsulto José Ferreira Borges:

«Quando um banco emitte mais notas do que a circulação póde absorver, o damno cahe em regra sobre o banco, que se vê obrigado a fazer grandes sacrificios para substituir o numerario que lhe foge na troca das notas.»

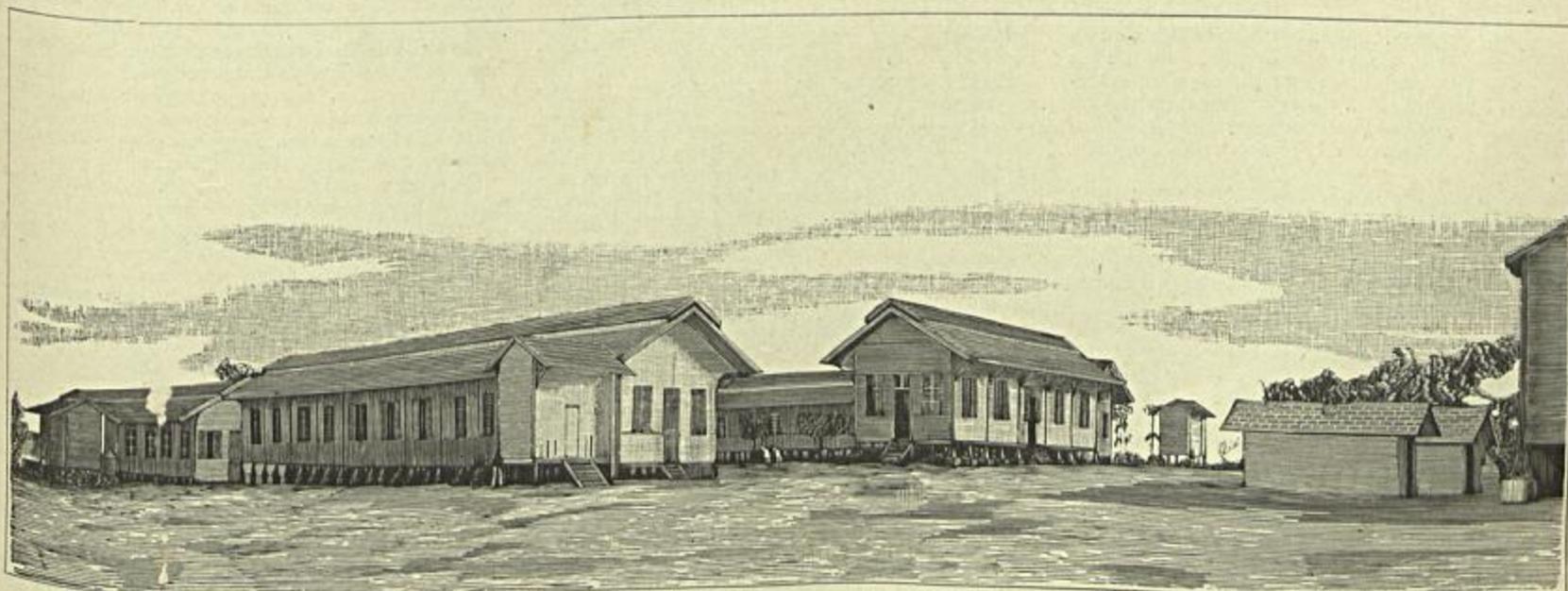
Esta perda põe o banco na necessidade de recolher immediatamente uma porção de notas circulantes, e este desastre ás vezes serve-lhe de garantia para com o publico, porque o embaraço e perda deve servir-lhe de ensino do futuro.»

* * *

Os estatutos do Banco de Portugal foram reformados em 6 de maio de 1857 e por decreto de 3 de setembro de 1876 prorogada a existencia do Banco por mais 50 annos a contar de 1 de janeiro de 1877.

Em 1881 os seus estatutos foram de novo reformados, sendo por essa occasião o seu capital elevado a 10:000 contos. N'esse anno a circulação das suas notas elevava-se á cifra de 8:671 contos.

A grande corrida que em 18, 19 e 20 de agosto de 1876 fizeram os portadores de notas por occasião do panico que houve nas duas cidades de Lisboa e Porto, muito afectaram as suas operações bancarias, mas não lhe abalaram o credito. O governo d'essa vez concorreu com grossas reservas de ouro e prata amoedadas, e o corpo de commercio de Lisboa resolveu continuar a receber como moeda corrente as suas notas. [1]

[1] D'essa vez ainda se poderam obter umas 500:000 libras em Londres mas o banco suspendeu o troco das suas notas em 18 de agosto. A crise durou desde maio até novembro.

BOLAMA — Casernas ou aquartelamentos da tropa
(Segundo photographia)

Vamos concluir com a nova organisação feita em 1888 ao Banco de Portugal pelo governo, sendo então ministro da fazenda o sr. conselheiro Marianno Cyrillo de Carvalho.

A lei de 29 de julho de 1887 auctorisou o governo a celebrar com a direcção do Banco de Portugal um contracto para a constituição de um unico banco emissor. No caso do dito banco não querer acceitar esse contracto *ser-lhe-hia retirada a auctorisação para emittir notas!...* Uma das condições que tambem o governo lhe propôz foi a de d'ahi em deante fazer os pagamentos ás classes da inactividade.

O contrato fez-se effectivamente entre o governo e o banco, como consta pela escriptura que vem inserta na folha official *n.º 84 de 13 de abril de 1888* ficando o banco uma especie de caixa geral do Estado.

Por esse contracto, datado de 10 de dezembro de 1887, o Banco de Portugal, como *banco emissor*, é obrigado a estabelecer agencias em todas as capitaes dos districtos: a duração do banco emissor será de quarenta annos, a contar de 1 de janeiro de 1888; o seu capital de 13.500 contos, divididos em 135:000 acções de 100:000 reis: haverá dois fundos de reserva, o *permanente*, até ao limite de 20 por cento do capital effectivo, e o *variavel* até ao limite de 10 por cento do mesmo capital effectivo; terá durante quarenta annos a *faculdade exclusiva* de emittir notas com curso legal, pagaveis á vista e ao portador, e representativas da moeda de ouro; o curso legal será nas localidades onde o banco tiver agencias e n'um raio de cinco kilometros de distancia das mesmas localidades; a reserva metalica será igual a um terço do total das notas; estas serão de *5:000, 10:000, 20:000, 50:000 e 100:000 réis*, ouro; *2:500 e 5:000 reis* prata, e algumas outras clausulas que omittimos pelo pouco espaço que podemos dispôr.

Fallou-se, todavia, pela actual crise monetaria, que o referido banco ia emittir notas de 500, 1:000 e 1:500 reis em prata. A Associação Commercial do Porto representou contra essa ideia.

Nós pela nossa parte, achamol-a perfeitamente justificavel, não só na crise actual mas igualmente muito conveniente nas crises que, por desgraça para o credito do paiz, possam apparecer de futuro. As notas representativas de pequenas quantias em prata, ou mesmo em ouro, facilitam muito mais os trocos no pequeno commercio e parece-nos até que precedendo essa nova circulação, um decreto bem meditado, o proprio banco poderia trocar por essas pequenas notas as de 10:000 e 5:000 reis se essa fosse a vontade do portador, o que succederia bastantes vezes.

Este alvitre se fosse posto em pratica firmaria o credito do banco, e lhe facilitaria em muito as suas operações e pagamentos.

Será bom que ninguem se precipite e que se trate de estudar maduramente esta importante questão economica.

(Continúa) *Silva Pereira.*

DESAPONTADA!

(CONTO SOCIAL)

— Safa, que frio este!... Dava de boa vontade um prato de doce... uma confeitaria até, a quem me descobrisse o verdadeiro motivo porque me obrigaste a emprehender este passeio n'uma estação tão endiabrada! .. Brrr... Por mais que me abafe não me é possivel extinguir estes calafrios, que me formigam em toda a região da espinha dorsal!

E n'isto o sr. Procopio conchegava fortemente o capote, forrado de castelleta vermelha e guarnecido de pelles na altura do pescoço.

— Então, titi, não lhe disse já mil vezes, que foi simplesmente o desejo de visitar as priminhas, que me levou a pedir-lhe este sacrificio?

— Ora adeus, sr.ª D. Balbina; não vae por ahi o gato ás filhoses. Ainda não ha dois mezes que ellas estiveram em nossa casa, e já tão ardentes são os desejos de as tornar a vêr, que não podesse demorar a sua visita até ao carnaval, pelo menos, que não é tempo tão frio nem tão ventoso?! Nada, essa não me entra cá.

E batia na testa com o indicador da mão direita, envolvida em uma luva, tão enchumaçada e descommunal, que dava áquella mão o aspecto de uma barbatana, membro superior de phoca ou de outro qualques amphibio seu congenere

— Do que estou bem repesa. Retorquio a D. Balbina, fazendo beicinho de criança amuada, a quem as instancias do tio contrariavam impertinentemente.

— Desde a estação do Crato não deixou ainda um momento de perseguir-me com as suas duvidas, a proposito da causa que motivou esta triste jornada! .. Realmente, para quem pela primeira vez na vida, lhe pede a fineza de uma viagem á capital, é ser pouco amavel... Pois declaro-lhe que, se continua, vou zangar-me comsigo; que até Lisboa não tornarei a dizer mais palavra, e que, em lá chegando, hei de estar doente a valer.

— Ora valha-te Deus, filha; has de tomar sempre na ponta do nariz os meus gracejos! Tornou o sr. Procopio, meio assustado e meio risonho, para desfazer a má impressão, que as suas duvidas produziram no animo da sobrinha.

— Não te zangues, pequena! Pois não me prestei logo, da melhor vontade, a satisfazer o teu capricho?

— Capricho!

Repetiu a D. Balbina toda assumada.

— Capricho! Assim, assim... continue a martyrisar me... Vê?

Fez ella, tomando entre as extremidades dos delicados dedos da mão direita o pulso da mão esquerda:

— Vê? Até já levo uma pontinha de febre.

— Que me dizes?! Sahimos logo na primeira estação. Continuares a jornada, doente?! Não, não, essa responsabilidade é que eu não quero por forma alguma!...

Este dialogo passava-se n'um compartimento d'uma carruagem de primeira classe do comboio que de leste seguia para Lisboa.

Tio e sobrinha defrontavam um com o outro, tendo um voltado o rosto e outro as costas para a machina, que tirava aquella enfiada de carruagens, que descreviam suavemente, serpenteando, todas as sinuosidades da linha.

A estação do Crato fôra o ponto de partida, Santa Apolonia deveria ser o termo.

O tio era, como a generalidade dos tios celibatarios, um bom homem, que perdia a sobrinha com mimos e condescendencias, o que, apezar de tangencial aos 60 annos, não duvidou abandonar o prazer da lareira, a satisfação de contemplar as linguas de fogo dos madeiros seccos d'azinho, que lambiam a velha fuligem, e allumiavam as caligiinosas profundezas da chaminé, para ir ao lado da sobrinha batido pelo vento do noroeste, e pelo gelo derretido no espaço.

A D. Balbina, essa era uma senhora dos seus 25 annos, mas com uns modos de quem tem apenas 15. Linda, linda deveras, era ella.

Uns labios muito carminados, uns olhos muito pastanudos, uns cabellos muito louros e umas mãosinhas tão miudinhas, tão nevadas, que davam mesmo vontade de as comer com beijos.

D. Balbina nunca sahira da residencia alemtejana da familia, e, por muitos annos, a vida lhe correra sem outras aspirações mais do que ir annualmente á romaria do Senhor dos Afflictos, onde se junta muita gente, se comem bonbons e se vendem fitas vistosas.

Ultimamente, porém, ha dois annos, as priminhas tinham vindo passar o mez de setembro na sua companhia, e isso produzira uma revolução tão extraordinaria na sua vida pacata, que ainda, n'este momento, vergava ao peso d'essa impressão violenta, profunda.

As priminhas eram uns perfeitos diabretes com umas feições gaiatas e uma *verve* picante, e, ás vezes, crivada de epigrammas agudos como bicos de alfinetes, que feriam a pobre e ingenua saloia, como ellas chamavam á D. Balbina.

Esta envergonhou-se, por fim, da sua reclusão na provincia e começou a sentir a necessidade de vêr a capital, e de correr como as priminhas, em aventuras romanescas, que lhe descreviam em côres tão realistas e tão tentadoras que era mesmo um morrer de desejos por ellas.

Sonhou um romance d'amor e fazia dia a dia pyramides de projectos, o qual mais doce, mais consolador.

Um marido perfeitamente correcto, vestido como o ultimo figurino de Paris; uma casa encantadora n'um bosque de flores para os tempos da lua de mel; uma viagem ao estrangeiro; noites na opera; vestidos recamados de perolas; os bailes; as *soirées*... um infinito de prazeres, de gozos, de delicias.

N'isto vieram novamente as priminhas. Vinham mais alegres e doidivanas, se é possivel.

—Has de ir comnosco passar o inverno a Lisboa.

— Veremos, veremos.

— Não resistes, has de ir.

— Não, ja não: necessito d'uns preparativos, umas coisas que me faltam. Irei lá ter, acreditem.

E iria com o seu sonho, o seu ideal de romance que não entrara ainda no primeiro capitulo, por que a D. Balbina não deparava ainda com o elegante a quem entregasse o coração.

— O boticario, com aquelles dedos cheirando a drogas, com aquelle bonet ensebado? Cruzes!... O amanuense da camara? Um pobretana!... O escripturario de fazenda? Um valdivinos, com ferraduras nas botas e fundilhos nas calças! Não havia por onde escolher; era uma desgraça a respeito de noivos.

— Santarem! Dez minutos de demora! Gritou o empregado n'uma voz roufenha, á força de agua ardente com que combatia a humidade da noite. Um instante depois abria-se a portinhola da carruagem e entrava no compartimento dos viajantes um rapaz novo, olhos negros, cabellos... os cabellos é de crer que tambem fossem negros, mas n'aquelle momento não eram visiveis porque um farto bonet de pelle de lontra l'hos occultava completamente.

O seu todo era correcto e talvez mesmo irreprehensivel.

Bem vestido, maneiras polidas, cumprimentando com affabilidade e com um sorriso amavel nos labios, que deixava vêr uma enfiada de dentes muito bem tratados.

N'uma das suas mãos, que estavam encadernadas em fina luva de pelle de cabrito, sustentava um pequeno sacco de viagem, e na outra segurava uma brochura em oitavo francez.

Feitos os comprimentos, a que o sr. Procopio quasi não se dignou attender, pousou o saquinho na rede, tomou logar proximo do tio, e, portanto, *tête á tête* da sobrinha, e dispoz-se a continuar a leitura, que, pelo dobrado do livro, parecia ir em mais de meio.

D. Balbina, aproveitando o interesse que o novo companheiro de viagem parecia mostrar pela sua broxura, dispoz-se pela sua parte a fazer-lhe um minucioso exame, sem receio de ser interrompida.

— Soberbo rapaz!... Aquelles olhos não falham... Está ali uma alma ardente, um coração capaz d'uma paixão violenta... Que fogo!... Aquelle bigode, aquella barba cuidadosamente feita são signaes evidentes de que é um rapaz fino... E que bello sorriso, de quando em quando lhe assoma aos labios?... e que deliciosas covinhas, que elle lhe cava nas faces?!...

Era assim que D. Balbina ia discorrendo, desejosa de principiar ali mesmo o primeiro capitulo do romance, que architectara.

O sr. Procopio resonava profundamente.

— E se fosse casado?... Não pode ser; aquelle ar despreoccupado só o tem um homem solteiro...

E continuava o exame.

O sr. Procopio, esse, resonava sempre.

N'este comenos o novo companheiro de viagem fitou a visinha fronteira. D. Balbina, vendo-se surprehendida no seu estudo, purporisou-se toda, e ficou como quem é apanhada em flagrante delicto, toda confusa, com uns modos desordenados, irreflectidos, e desviando só muito depois a vista para a vidraça da direita.

E o sr. Procopio resonava ainda.

É de crer que ao viajante não passassem desapercebidos os signaes denunciadores do interesse, que iuspirava á dama, porque d'ahi por diante os seus olhos só fixaram sobre ella um fogo mais insistente e mais terrivel do que aquelle que, em tempos que já lá vão, fez a praça de Sebastopol sobre a esquadra anglo-franceza; com a differença, porém, de que Sebastopol tinha menos desejos de se render do que a sr.ª D. Balbina.

O sr. Procopio continuava resonando.

Muito antes da estação terminal de Santa Apolonia já D. Balbina se tinha rendido. Os olhares fraternisavam, e, ora meigos, ora ardentes, uma vez languidos, outra ternos e sentimentaes, só sabiam confessar a mutua paixão, que abrasava aquelles corações sedentos d'amor.

Quando o comboio parou antes de entrar na grande *gare*, o sr. Procopio deixou tambem de dormir, e preparou-se para entregar os bilhetes ao empregado, que se abeirava da carruagem.

D'ahi a cinco minutos apeavam-se os nossos viajantes, e os namorados tiveram então ensejo de dar um aperto de mão muito intimo, muito consolador, ao mesmo tempo que o cavalheiro segredava baixinho.

— Amanhã á tarde na Avenida.

O sr. Procopio, esse, ia ainda com olhos de quem dormira largamente, e de quem por isso mal podia fitar a luz do dia, que ia despontando.

— Ainda nos custa a crer que viesses.

— Não sei como podeste deixar sem saudades os teus bosques de azinheiras!

— E os teus montes de sobreiros?

— E o teu rebanho de gallinhas e perus?...

Isto diziam ao almoço as primas da D. Balbina, qual d'ellas mais traquinas e mais cruel.

— Pois enganam-se: nada d'isso me lembra.

E o seu rir enchia toda a casa d'uma alegria seductora.

— E o montado ?

— E os matagaes de charas e giestas ?

Era um tiroteio sem treguas.

— Nada, nada d'isso me lembra ; olhem, até vim com tanta precipitação, que lá me esqueceram o meu costume em *crepon* de lã preta, o meu chapeu de passeio, e aquellas lindas chinelas, que ha pouco me mandaste, e que dizias ser a ultima moda, o mais *chic*.

— Não te dê isso cuidado, filha, nada te faltará, ha ainda por onde escolher de sobra.

— E' verdade, ó mana; não é hoje que o nosso sapateiro deve vir combinar comnosco o calçado, que ha de fazer-nos para o baile da Viscondessa do R . . ?

— E', sim ; disse a outra: o homem preveniu de que só hoje podia vir, por ter de sahir antes a fazer fornecimentos.

— Estás servida, queridinha ; quando elle vier encommenda-se-lhe tambem o teu calçado.

E ficaram n'isto de pedra e cal.

N'esta altura resoou a campainha da porta, e, d'ahi a instantes, a criada annunciava que o sr. Meirelles esperava na saleta.

— Fallae no mau . . . Vamos meninas, vamos fazer as nossas encommendas.

E parte do grupo dirigiu-se para a saleta, onde as esperava o sr. Meirelles.

Ali, os diabretes, fallando ao mesmo tempo, volteando em roda do fornecedor de calcado, puchando-lhe pela pontinha do lenço de seda, que lhe sahia apenas fóra do bolso do peito do fraque, estonteavam, ensurdeciam.

Cançadas, por fim, offegantes, semi-mortas, deixaram-se cahir sobre o sophá, e só então é que o *mestre* poude tirar do bolso a fita metrica, uma folha de papel almaço branco e o lapis.

— Vamos, minhas senhoras; vamos ás medidas.

E, approximando-se do tapete, ajoelhou, disposto a tirar os contornos d'aquelles pésinhos delicados, fransininhos ; umas miniaturas de pés humanos.

— Onde está a Balbina ? Ó prima !

O sr. Meirelles já tinha principiado aquella tarefa d'uma sensualidade morna, e estava de costas voltadas para a porta, e de joelho em terra.

A D. Balbina entrou distrahida, muito prasenteira, deixando ver, através dos seus carminados labios, uma enfiada de perolas muito invejaveis, muito appetitosas.

Chegou-lhe a sua vez : o sr. Meirelles rodou um pouco sobre o joelho e levantou a cabeça para tomar conhecimento com a sua nova freguEza.

Ao ponto, D. Balbina solta um grito estridente, afflictivo, medonho, e cahe redondamente no pavimento.

Reconhecera no *mestre* Meirelles o seu companheiro da vespera, aquelle que a sua phantasia ingenua julgava já o dilecto da sua alma, o esposo querido !

A vasilha do leite quebrada em pedaços ! Desapontada !

O Meirelles, esse, aproveitou a confusão produzida pelo incidente, e sahiu arrebatado, esquecendo a fita metrica, o papel e o lapis.

Na madrugada do dia seguinte apeavam-se na estação do Crato os srs. Procopio e a sr.ª D. Balbina : esta pallida, adoentada, tristonha, de mau humor.

Ao dar-lhe a mão, para ajudal-a a descer da carruagem, o sr. Procopio disse n'um desabafo de quem estava resignadamente contrariado :

— Isto de mulheres ! . . .

A. Motta.

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance original

VII

PROMENORES

Litta era natural da Russia, bem como Varel.

Haviam nascido em Kiew, uma das cidades principaes d'aquelle imperio, de pae e mãe ciganos, originarios da Moldavia.

Muito novos, tinham vindo para Hespanha, fazendo parte de um bando de emigrados ciganos aos quaes uma lei despotica do Czar, collocara em situação desgraçada.

Varel não tinha familia ; Losco, o pae de Litta, trouxe-o comsigo e os dois ciganitos cresceram juntos.

Litta ficara sem mãe de muito nova e tendo um pae pouco tratavel e ainda menos carinhoso, depressa se affeiçoou a Varel, com quem mutuamente repartia as suas alegrias e as suas maguas.

Esta affeição de tão novos creou raizes, e Losco quando ambos teriam por ahi uns quinze annos, resolveu cazal os segundo o uso entre os da sua raça.

O pae de Litta, um bandido immerito, educara Varel nos *rendosos* principios de tornar propriedade exclusiva, tudo a que podesse deitar a mão ; e assim havia, pois, muitos annos, que os tres se entendiam e trabalhavam de acordo.

N'esta vida do crime já um tinha envelhecido e os outros dois haviam completado os quarenta annos.

Um bello dia, depois de terem corrido todas as cadeias de Hespanha, homiziaram-se em Portugal, e comprando um urso a um pellotiqueiro, eil-os percorrendo cidades, villas e aldeias, explorando a ferocidade faminta do desgraçado animal, domada pelo medo d'um pau nodoso com que Varel o conservava a distancia respeitosa, obrigando-o a saltar ao som de um pifano tocado por Losco e d'um pandeiro agitado por Litta.

Tantas vezes, porem, se esqueceram de que o seu ganha pão necessitava de alimento para viver, que, certa manhã, foram dar com o urso estendido sem vida na casa terrea que servia de estrumeira e jaula ao mesmo tempo.

Aquelle revez fora terrivel mas não para desesperar.

Concordaram em que deviam ter tido todos mais cuidado no pobre urso, e que no quererem desacostumal-o de comer é que tinha estado o erro, porem não havendo remedio agora senão lamentar-lhe a perda, trataram de tirar-lhe a pelle e enterral-o.

O envolucro da fera ainda lhes rendeu algumas moedas de prata, e quando se esgotaram estes derradeiros recursos, Losco deitou-se á profissão de pedir esmola, commovendo as almas caridosas com uma perna *artisticamente* chagada, o que lhe produzia uma receita magnifica ; Litta deitava cartas e Varel tornara-se alquilador por conta de terceiro.

Mas Varel, por vicio de educação, era pouco licito nas suas contas, e as questões que este procedimento originava entre elle e o negociante de gado, que o trazia contractado, tantas vezes chegaram a tomar proporções assustadoras, que certa occasião os questionadores passaram das injurias ás ameaças e d'estas ao conflicto, fatal para o negociante, porque caiu ferido no coração por uma picada da faca de Varel.

O crime dera-se em Estremoz por occasião da feira de gado que ali se realisava annualmente. Varel, Losco e Litta tiveram de fugir para Borba afim de não serem prezos e d'ali passaram para Villa Viçosa, Redondo, Evora, Portel, Vidigueira até que havia já uns tres ou quatro mezes estavam em Beja.

Porem os agentes da justiça não lhes tinham perdido o rasto, e apezar dos processos de então para apanhar os criminosos, serem menos aperfeiçoados, as auctoridades compensavam essas faltas com a sua diligencia e zelo, chegando a parecer que tinham verdadeiro faro de cães de caça.

Losco presentira-os, e havia dias que communicara os seus receios a Varel e a Litta, ficando assente entre os tres sair de Beja o mais depressa possivel.

A perspectiva d'um bello negocio viera obrigal-os a adiar a partida.

E effectivamente devia ser um negocio com tentadoras probabilidades de ganho esse que os obrigava a arriscar assim a liberdade e a vida.

Dias antes o morgado de Louredo precisara ir a Beja aplanar varias difficuldades que tinham surgido, para a entrada de Anninhas como reclusa no convento de Nossa Senhora da Conceição.

Ao descer a rua dos Infantes, deparou-se-lhe um grande ajuntamento de povo. Aproximou-se e viu que era uma cigana deitando cartas o que attrahia tanto a attenção.

— Eis ali a mulher que me convinha, dise comsigo o morgado.

Juntou-se ao grupo que formava um circulo fechado em volta da cigana e esperou que ella concluisse.

Estava lendo cousas extraordinarias nas cartas que collocava com passes extravagantes sobre o chale remendado que estendera na calçada.

Parecia dominada por uma inspiração sobrenatural. Tinha o aspecto e fallava com a convicção d'uma verdadeira vidente.

Affirmava ella que dentro em pouco a guerra e a fome assolariam Portugal ; e Beja, como muitas outras terras do reino, havia de presenciar as scenas mais horrorosas e commovedoras.

Começara a anoitecer e pouco a pouco os populares foram-se afastando.

Os menos credulos rindo das previsões da cigana, os mais supresticiosos commentando as suas terriveis prophecias.

Ao vel-os retirar a cigana fizera um gesto ameaçador e praguejara.

O morgado ouvira-lhe ainda murmurar por entre os dentes :

— Idiotas ! riem da minha sciencia . . . Pois que todas as miserias que annunciam essas cartas lhes caiam como uma maldição, já que não tiveram nem uma moeda de cobre para me dar.

— Se quizer, disse-lhe então Claudio de Castro aproximando se, tem um bello ensejo de ganhar, não umas moedas de cobre mas algumas centenas de boas peças de ouro.

Litta surprehendida pela inesperada proposta que acabava de lhe ser feita por uma pessoa que não conhecia, avançou para o morgado, examinou-o por um momento com o seu olhar perscrutador e interrogou, como custando lhe ainda a acreditar o que ouvira :

— É a mim que se dirige ?

— Sim, tenho um negocio famoso a propor-lhe.

Então a cigana fez signal ao morgado para que se calasse e puxando-o p'lo braço para o vão da porta com alpendre d'uma casa que estava em ruinas a alguns passos de distancia, disse-lhe:

— Tem-me prompta a ouvil-o.

O que se passou n'essa noite entre Claudio de Castro e Litta podemos facilmente conjecturar pelos factos que deixámos minuciosamente narrados nos tres anteriores capitulos.

. . . .

O filho de Anna da Soledade ficara adormecido sobre os degraus da egreja de S. Sezinando.

Cuidadosamente embrulhado na manta, como recommendara Varel, Litta deixara-o pricipitadamente, parecendo fugir envergonhada ou temerosa á responsibilidade d'esse crime ignobil de que se tornara cumplice.

Quasi ao amanhecer o vento parara completamente.

A natureza á similhança dos doentes a quem o soffrimento fatigou durante a noite, adormecera aos primeiros raios da manhã.

Pelas ruas começavam a agitar-se grupos de individuos que iam principiar com o dia as suas occupações habituaes, e os conductores de carros e cavalgaduras que vinham com hortaliças e outros generos para o mercado.

A alguns de taes grupos, que n'essa manhã passaram por S. Sezinando, talvez porque n'uns se assobiava, n'outros se cantarolava, ou fallava alto e ria, não se tornaram notados os vagidos da creança abandonada. Só quando o sol já era nado é que um individuo que se dirigia para Baleisão montando uma egua russa, attrahido pelo choro do innocente, apeou-se e subiu cauteloso até onde elle estava; examinou cuidadosamente a manta que o envolvia e, concluindo que de similhante achado nada poderia resultar de proveitoso tornou a descer os degraus e encolhendo os hombros dispunha-se a montar de novo para seguir o seu caminho sem se importar com a sorte do filho de Anna, quando, parecendo reflectir, parou e disse comsigo :

— É verdade que a manta em que está embrulhado o pequeno indica serem as pessoas que o abandonaram extremamente pobres. Porém a roupa com que o vestiram é de tecido finissimo e isso faz-me suppor o caso mais mysterioso do que á primeira vista parece. Tem-se visto tanta cousa . . . Quem sabe, talvez seja uma fortuna o pequerrucho . . . Pois levo-o commigo e depois pensarei com mais vagar no que melhor convirá fazer d'elle . . . E se crescer, e o tempo nada tiver descoberto, poderá trabalhar e dar me bons lucros para a velhice. Nunca se perde por fazer uma obra de caridade.

Dizendo isto Pedro Miguel com quem seguidamente iremos travar mais estreitas relações, subiu de novo os degraus da egreja, e vendo que ninguem o observava, abaixou-se tomou a creança nos braços, depol-a novamente no peitoril d'uma janella baixa para poder montar, tomou-a de novo pôz-se a caminho.

— Vamos Cigarra, apesar de levares agora a carga um bocadinho mais pesada, não te faças ronceira . . . Olha que é preciso chegar o mais depressa possivel a Baleisão.

A egua talvez para mostrar que o nome de Cigarra não lhe era mal cabido estendeu as orelhas para a frente relinchou tres vezes e partiu a trote largo.

Cançado de chorar o filho de Anna adormecera de novo.

Pedro Miguel o seu primeiro cuidado ao chegar a casa foi passar revista minuciosa á roupa do exposto.

Mas nada encontrou que lhe désse um indicio sequer de quem eram seus paes.

(Continúa)

Julio Rocha.

REVISTA POLITICA

No curto espaço de tempo, em dez dias apenas, que decorreram desde a publicação da nossa ultima revista até ao actual momento, recebeu de Inglaterra o governo portuguez as bases do novo tratado, foram apresentadas ao parlamento, nomeada a commissão que devia dar o seu parecer sobre as mesmas, ella formolou esse parecer que foi apresentado á camara dos deputados, esta conformou-se com tudo e approvou as bases do tratado, seguiram-se na camara dos pares as mesmas formalidades e tudo foi approvado.

Uff que nos custou a chegar ao fim, para acompanhar-mos o parlamento na marcha accelerada que d'esta vez emprehendeu, para salvar a patria do abysmo por meio de formalidades.

Se compararmos o modo como o parlamento procedeu n'esta questão grave, com os discursos irritantes e espectaculosos do mesmo parlamento a respeito do modo de propôr, ou da legalidade de alguma eleição, como se houvera eleições serias, cada vez teremos que nos convencer mais da inutilidade da chamada representação nacional, que apenas representa os interesses das facções de que se compõe, por que os interesses nacionaes são para ella simples formalidades, que não estuda nem discute, como não estuda nem discute o orçamento onde se aninha a causa da nossa ruina.

Ao ponto a que as cousas chegaram era preciso votar o tratado, mas o que tambem era preciso era votal-o com conhecimento de causa, que na camara se fizesse alguma luz sobre esta questão, em que todos fallam mas que muito poucos entendem, e que de entre tantos espiritos sahisse alguma idéa que melhorasse as condições d'esse tratado leonino, que não nos reconhece livre e independente o que nos deixa ficar da nossa Africa, mas sim nos concede territorios mediante condições vexatorias, em que a Inglaterra é que nos dá a lei, quando nos impõe o *quantum* e a forma dos direitos das nossas alfandegas, quando nos obriga a dar-mos livre transito e sahida ás riquezas das minas que as suas companhias explorarem, quando nos impõe que lhe façamos estradas e caminhos de ferro e canaes para lhe darmos sahida a essas riquezas, quando se reserva o direito de remir o imposto que nos concede receber nas nossas alfandegas por certas mercadorias, se assim lhe convier, quando, emfim, e seria um nunca acabar, nos deixa o continente d'Africa de Lourenço Marques até ao Rovuma, sem lhe causarmos o mais ligeiro encommodo e antes lhe facilitarmos todas as regalias, até que a sua espansão no interior, nos empurre para o Oceano e ella fique senhora de tudo.

Se para isto se faz um tratado, o que seria se não se fizesse? Deitaria a Inglaterra a mão áquelle mesmo continente occupado por nós e reconhecido portuguez?

Não seria já o pretexto da não occupação portugueza a causa da cubiça ingleza?

E a Europa deixaria então a Inglaterra occupar livremente toda a Africa, sem prever o perigo que d'isso lhe viria?

E' preciso concordar que não podiam ser peior conduzidas desde seu principio as negociações d'este tratado, como já aqui o temos dito.

Foi uma louca vaidade o querer tratar directamente com a Inglaterra, se vaidade entrou n'isto.

Deveriamos antes ter deixado essa missão ás nações signatarias da conferencia de Berlim, e quando d'ahi não tirassemos mais vantagens, não teriamos que nos envergonhar sós da nossa fraqueza e dependencia da Inglaterra.

A responsabilidade d'esta expoliação caberia toda áquellas nações e a nossa dignidade sahiria inclume d'este attentado.

Mas por que não se fez isto. Parece nos que não se fez por convir menos á Inglaterra do que a Portugal.

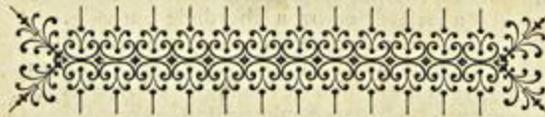
Porque as influencias britanicas a que andamos acorrentados ha tres seculos, não se destruiam de improviso, deixando-nos a liberdade de acção.

E afinal quanto o parlamento se occupou de menos do tratado, parece que nos temos nós occupado demais, receiando muito que nos chamem massador por insistirmos n'uma coisa que já não tem remedio.

A imprevidencia e a incuria, cremos bem, que nunca prepararam coisas que tivessem remedio, e se nos disserem que a morte é das taes coisas que não tem remedio apesar de todas as providencias e cuidados, nós tambem responderemos que muitos morrem prematuramente no suicidio que é, muitas vezes, a liquidação de erros accumulados.

João Verdades.

ACONTECIMENTOS DA GUINÉ PORTUGUEZA

RAPAZES E RAPARIGAS GENTIOS PAPEIS, EM TRAJO DE FESTA
(Segundo photographia)

RESENHA NOTICIOSA

CONCESSÕES DE TERRENOS EM AFRICA. — Com respeito á noticia que soube este titulo publicámos no penultimo numero do OCCIDENTE, encontramos no nosso collega a *Nação* as seguintes considerações que reforçam o que affirmamos n'aquella noticia, e que pela sua importancia não podemos deixar de transcrever.

« O actual ministro da marinha e ultramar deve admirar-se do grande numero de pedidos, existentes no seu ministerio, de concessões de terrenos e de minas quasi todos para Moçambique. Pois lembramos a s. ex.ª que é n'essa provincia que os nossos *fieis alliados* tem os olhos fitos, e ha muito que põem em pratica todos os meios imaginaveis para lhe deitarem por completo, embora *por bem differentes modos*, a toda ella as suas afiadas garras.

Sabemos que s. ex.ª da ultima vez que foi ministro não cedeu a umas certas poderosas influencias (de que dispõem os requerentes ligados a Inglezes) e não fez nenhuma concessão em Moçambique; assim pois esperamos que tambem d'esta vez não as fará, quer as Companhias Inglezas se apresentem com mascara, quer sem mascara, e apenas escondendo a ligação muito intima, mas tambem muito secreta, que existe entre ellas e a *South African Company*.

Cremos que o sr. ministro nos entenderá e esperamos que cumpra o seu dever; entretanto ficamos de atalaya, por que os verdadeiros e patrioticos interesses das colonias assim o exigem.

E por hoje ficamos por aqui. »

NOVO MINISTRO DO BRAZIL EM LISBOA. — Foi recebido por Sua Magestade El-Rei D. Carlos, no dia 1 do corrente, no paço de Belem, o novo ministro da Republica dos Estados Unidos do Brazil, o sr. dr. Pedro d'Araujo Beltrão, cavalheiro muito estimado em Lisboa, e que em tempo esteve aqui addido á legação brazileira.

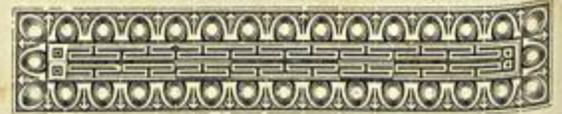
Foi muito affectuosa a alucução dirigida por sua ex.ª a El-rei em nome do Brazil, e a que Sua Magestade respondeu secundando os votos da mais fraternal ligação entre os dois paizes.

O sr. Vieira da Silva, digno consul geral do Brazil em Lisboa, offereceu ao sr. dr. Beltrão, um banquete, no hotel Bragança, a que assistiram o sr. ministro da justiça Moraes de Carvalho, Pinheiro Chagas, ministro da republica norte-americana, e outros cavalheiros da alta sociedade lisbonense e da colonia brasileira.

O banquete foi de trinta e tantos talheres e fizeram se muitos brindes a Portugal e ao Brazil.

EMPREGO DO ENXOFRE NAS REFINAÇÕES DE ASSUCAR. — Segundo o *Mining and Scientific Press*, de S. Francisco, o acido sulfuroso é muito usado na Luisiania para tirar a côr aos succos assucarados e aos melaços. Queima-se o enxofre em fornos; o acido sulfuroso lança-se em grandes receptaculos, onde os liquidos são distribuidos em chuva finissima e soffrem durante um tempo sufficiente o contacto dos vapores acidos. Os melaços ganham assim de 3 a 5 p. c. em valor e os assucares exigem menos liquido para as lavagens.

A unica precaução a tomar é de lavar bem o gaz sulfuroso para o desembaraçar do acido sulfurico attrahido! Se essa purificação ficar incompleta expõe-se o fabricante a graves resultados porque tal impericia fará com que o acido sulfurico destrua rapidamente a saccharose.

O mododa de coloração reclama, sem duvida, ainda alguns aperfeiçoamentos. Parece que, com effeito, os melaços reteem muitas vezes o acido sulfuroso em excesso, a ponto de corroer os vasos metalicos em que se guardam.

AVISO

Com este n.º do OCCIDENTE é distribuido gratis a todos os srs. assignentes um supplemento **«A Africa segundo os ultimos tratados»**.

Este supplemento avulso custa 100 réis e com o jornal 200 réis.

Typ. e lyt. de Adolpho, Modesto & C.ª
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43.